



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Já 19:23

Literatura



Lima Barreto
Casa dos Poetas



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Casa dos Poetas

Lima Barreto

Projeto gráfico

Iba Mendes

In: "Histórias e sonhos", 1920.

Livro Digital nº 939 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Afonso Henriques de Lima Barreto
(1881-1922)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

CASA DE POETAS

COMÉDIA EM UM ATO



*A Carlos Pereira de Carvalho, meu tio,
e a Marques Pinheiro, meus iniciadores no Teatro.*

PERSONAGENS:

FILGUEIRAS (poeta célebre 35 anos)

DR. CLARIMUNDO (juiz aposentado 52 anos)

LUÍS (seu copeiro 30 anos)

D. MARIANA (sua mulher 45 anos)

CLARINDA (sua filha 18 anos)

A cena representa uma sala de visitas de gente de condição média. Cortinas nas janelas de frente, à direita, e porta de entrada, ao meio delas. No primeiro plano, à esquerda, sofá e cadeiras, sendo uma delas de balanço. As portas que comunicam com os quartos e com o interior, à esquerda. Ao fundo, janelas que dão para uma rua lateral. Estão abertas e vê-se um cenário de montanhas, através das cortinas. Piano, tamborete, estante de música, dunquerque com bibelôs, quadros, tudo disposto do melhor modo. Cinco horas. Abril. Época atual.

CENA I

Ao erguer-se o pano, o Dr. Clarimundo está sentado na cadeira de balanço; tem sobre as pernas vários jornais e acaba de beber um copo d'água que lhe serve o copeiro. Luís está de pé, com a salva na mão. Clarinda, vestida de branco, com certo gosto e donaire, está a uma janela dos fundos.

CLARIMUNDO (*acabando de beber água*)

Então, Luís, viste o soneto que saiu hoje na Gazeta?

LUÍS (*categórico, recebendo o copo*)

É parnasiano... Não gosto...

CLARIMUNDO (*paternalmente*)

É boa!... Não gostas... Como se fosses capaz de fazer melhor!

LUÍS (*seguro de si*)

Como não sou? Se o doutor visse o poemeto que fiz hoje...

CLARIMUNDO

Dize lá.

LUÍS (*recitando*)

O barulho dos pratos.

CLARIMUNDO (*esperando*)

Como é?

LUÍS (*com confiança*)

O barulho dos pratos.

CLARIMUNDO (*bondoso*)

Continua. É inspiração do ofício. Continua.

LUÍS (*recitando*)

Na pia os pratos fazem tec-tec,

Ao encontro dos garfos e das facas.

CLARINDA (*voltando-se*)

Deixe o rapaz... A poesia perde todos... Vamos, Luís, continua.

LUÍS (*que até então ficara aterrado, continua*)

É a sina da gente...

CLARINDA (*interrompendo, sem sair da janela*)

Vá, Luís, deixa isso para mais tarde. Vá tratar de pôr a mesa.

LUÍS (*obediente e saindo*)

A senhora é quem perde... Quem não sabe a arte não a estima. (*Ao sair*) E era uma lindeza!

(Sai o copeiro, Clarimundo volta a ler os jornais e a moça continua na janela. Pausa).

CENA II

Clarimundo e Clarinda.

CLARINDA *(falando da janela)*
Papai, como é ele? É louro? É alto?

CLARIMUNDO *(sem interromper a leitura)*
Quem, filha?

CLARINDA *(docemente)*
O poeta, papai.

CLARIMUNDO *(continuando a leitura)*
Não é alto, nem baixo; é antes baixo que alto... Bem: você há de vê-lo.

CLARINDA *(na janela ainda)*
Virá mesmo, papai?

CLARIMUNDO *(deixando cair o jornal, impaciente)*
Vem, filha; vem... Espere um pouco.

CENA III

Os mesmos e D. Mariana.

D. MARIANA *(entrando; é gorda e feia)*
Você tem cada ideia, "seu" Clarimundo... Convidar esses poetas; ainda outro dia o tal Romualdo...

CLARIMUNDO *(com os olhos no jornal)*
Já vem você. Querias que ele te namorasse, não é?

D. MARIANA (*sentando-se*)

De certo, não; mas tratar-me assim... isto é... sem atenção particular, sem uma amabilidade, é demais! Você não diz que eles gostam das senhoras?

CLARIMUNDO (*titubeante e deixando o jornal*)

É... sim... As senhoras... É... As moças, sim.

D. MARIANA (*agastada*)

Por acaso, eu sou alguma velha coroca, ou um monstro para que eles fujam de mim? A sinhá Bandeira é mais feia e velha que eu, e já tem um soneto que lhe foi dedicado. (*Catégorica*) Eu não sou uma velha de oitenta anos!

CLARIMUNDO (*irônico*)

Você está na flor da idade.

D. MARIANA (*irônica*)

Não tanto quanto você meu lindo poeta. (pausa) Ainda por cima, esses tais poetas se fazem esperar... Olhe: o jantar já está pronto.

CLARIMUNDO (*familiar e persuasivo*)

Filha, isto não vai assim... Um homem, como ele, uma notabilidade, um grande poeta, tem direito a essas atenções.

CLARINDA (*chegando-se ao grupo e sentando-se*)

Como é o nome do livro dele, papai?

CLARIMUNDO (*como quem se recorda*)

Nu... Nuvens... Brumas... Não sei. Não tenho boa memória.

D. MARIANA (*que fora arranjar uns bibelôs, ao sentar-se*)

É boa! (*Ri devagar*) É boa!... Você nem sabe o nome do livro! Como é então que você admira o homem?

CLARIMUNDO (*sentencioso*)

Mulher, os poetas têm direito à nossa admiração, mesmo quando não lhes lemos os versos — fique certa disso! Soa uma campainha.

CLARINDA (*erguendo-se precipitada*)
Está aí.

(*Todos se erguem e Clarimundo vai receber o poeta à porta de entrada*).

CENA IV

Os mesmos e Filgueiras.

CLARIMUNDO (*apresentando*)
O doutor Filgueiras... Minha filha e minha mulher.

(*Trocam-se os cumprimentos*).

FILGUEIRAS (*com afetação*)
Encantado em conhecê-las.

D. MARIANA (*polidamente*)
Sente-se, doutor. Deixe-me ver o seu chapéu, doutor. (*Agarra o chapéu e vai descansá-lo numa cadeira ao fundo enquanto os outros vão sentar-se*)

CLARIMUNDO (*sentando-se*)
Então, doutor, tem feito muitos versos?

FILGUEIRAS (*sentando-se e olhando de soslaio Clarinda, que não cessa de medi-lo da cabeça aos pés*)
Alguma coisa... O doutor sabe, na nossa terra, não se tem vontade de trabalhar. Não temos recompensa para o nosso esforço.

D. MARIANA (*sentando-se*)
Os seus livros são grandes?

FILGUEIRAS (*dissimulando o espanto*)

Alguns são, minha senhora; outros não. Não gosto muito das grandes composições, nem dos grandes livros.

CLARINDA (*ingênua*)

Mas um livro não deve ser volumoso, grande?

FILGUEIRAS (*sorridente*)

O que vale não é o peso, é o conteúdo.

CLARIMUNDO (*superior*)

Eu também sou como o doutor, não gosto dos livros grandes. Esse tal Camões...

D. MARIANA (*interrompendo*)

Como é que você anda sempre com aquele livrão enorme?

CLARIMUNDO (*amolado*)

Aquilo é o dicionário, filha.

CLARINDA (*ingênua*)

Então, o dicionário serve para fazer versos?

FILGUEIRAS (*apressado*)

Às vezes, para ver um termo ou outro. Compreende, a senhora, que nem sempre sabemos...

CLARIMUNDO (*interrompendo*)

Não sabe o doutor de que poesia gosto mais?

FILGUEIRAS (*com falsa modéstia*)

“A tentação de Xenócrates”, do Bilac.

CLARIMUNDO (*expansivo*)

Qual isso, qual nada! É de uma poesia muito pequena.

CLARINDA (*com segurança*)

É bem bonita... Conhece... É o “Beijo”.

D. MARIANA (*solícita*)

Não é aquela que você cortou e pregou no livro de seu pai. Não é, Clarimundo?

CLARIMUNDO (*acudindo*)

Esta mesma... Veio até no Malho, do ano passado.

FILGUEIRAS

De quem é?

CLARIMUNDO

Eulino Breves — conhece?

FILGUEIRAS (*com desdém*)

Nunca lhe ouvi o nome.

D. MARIANA

É muito bonita! Que lindeza, doutor! (*Para Clarinda*) Você não a sabe de cor?

CLARINDA

Não, mamãe.

CLARIMUNDO

Vá buscar o livro, minha filha, para o doutor ver.

(*Clarinda sai*)

CENA V

Os mesmos, menos Clarinda.

FILGUEIRAS (*a Clarimundo*)

É essa moça o único filho que o doutor tem?

D. MARIANA (*precipitando-se*)

Temos mais um, o Inácio...

FILGUEIRAS

Não tem nenhum gosto pelas artes, esse seu filho, minha senhora?

CLARIMUNDO (*desgostoso*)

Qual! É só negócio de remos, tiro ao alvo, futebol... Um bruto!

D. MARIANA

Qual! Não diga isso, Clarimundo. É até um rapaz estimado. O *Esporte* trouxe o seu retrato e tem tirado dois campeonatos; e só não tirou o deste ano, porque esteve doente e não pôde cotejar bastante. Quantas medalhas tem ele, chi! Quando põe tudo aquilo no peito parece até o duque de Caxias! Então, um rapaz desses é um bruto, doutor?

FILGUEIRAS (*distraído*)

De certo que não. (*Tirando um cigarro*) A senhora dá licença que fume?

D. MARIANA

Pois não, doutor.

FILGUEIRAS

Fumo muito. (*Acende o cigarro, vai atirar o palito do fósforo pela janela do fundo, volta e fica de pé*) A tarde está bela, não é doutor? (*Clarinda vem entrando*) Parece que o céu, de tão fino, quer ficar transparente e mostrar o seu mistério. (*Clarinda fica a ouvi-lo, calada e admirada*)

CENA VI

Os mesmos e Clarinda.

CLARINDA (*entrando*)

Está aqui, papai, o livro.

CLARIMUNDO

Dê-me cá. (*Põe os óculos e folheia o livro de recortes e poesias manuscritas*) Quer ver uma composição minha, doutor?

FILGUEIRAS

De muita boa vontade.

CLARINDA

Lê aquela, papai: “A Partida”.

D. MARIANA (*desdenhosa*)

Não sei como você pode gostar de semelhante coisa... Seu pai, um homem velho, a ter derrêços... Ora!

CLARIMUNDO

É poesia, mulher!

FILGUEIRAS

Se a senhora consente, eu pedia licença para que o doutor lesse.

D. MARIANA (*risonha*)

Já que deseja...

CLARIMUNDO

Então vou ler. (*Lendo*) “Quando te foste numa barca triste”.
(*Interrompendo*) O doutor não acha que barca está bem aí?

FILGUEIRAS (*hesitando*)

É... É... Está.

CLARINDA

Mas não foi em barca papai; foi num paquete. Não se lembra? Até...

D. MARIANA (*interrompendo, zangada*)

Então, isto é verdade, hein? (*Erguendo-se*) Seu peralvilho! Seu bilontra! Seu patife! Então?

FILGUEIRAS

Minha senhora...

CLARINDA (*nervosa*)

Mamãe...

CLARIMUNDO (*atrapalhado*)

Juro que...

D. MARIANA (*continuando, zangada*)

Diante dos meus olhos, hein? Quem diria que este velho, esse jagodes... Que canalha! Não me verás mais! (*Sai arrebatadamente*)

CLARINDA

Mas, mamãe...

CENA VII

Os mesmos, menos D. Mariana.

CLARIMUNDO (*depois de uma pausa*)

Doutor, não há de reparar, não é? Minha mulher é muito zangada... Tem gênio, mas passa logo... Foi você, Clarinda, quem arranhou tudo isso...

CLARINDA (*titubeando*)

Eu me tinha esquecido que...

FILGUEIRAS

Oh, doutor! Eu sei que são essas coisas...

CLARIMUNDO

Em todo o caso, vou lá... É bom acalmá-la, não acham? (*Levanta-se e dirige-se à porta. Quase lá, vira-se*) Desculpe-me, sim, doutor. Clarinda, converse com o doutor... Toque piano...

(*Clarimundo sai*)

CENA VIII

Filgueiras e Clarinda.

FILGUEIRAS (*depois de um silêncio, embaraçado*)

Toca muito, dona Clarinda?

CLARINDA (*sonhando*)

Ultimamente, pouco. (*Pausa; outro tom*) Não sei, doutor; não sei por quê, depois que papai meteu-se nessas coisas de poesia, tudo aqui anda levado da breca.

FILGUEIRAS

Mas ele não gosta disso há muito tempo?

CLARINDA

Não. De uns tempos para cá, é que lhe deu na telha... Mamãe há dias que fala, que diz mal; há outros que gosta... Ela diz que os poetas não lhe prestam atenção. (*Ingênua*) Eu não sei o que ela quer dizer com isto... (*Entristece*) Meu irmão não há meio de querer saber disso. Enfurece-se, grita, diz que papai está doido. O doutor acha que ele está?

FILGUEIRAS (*ameno*)

Qual! É uma pequena preocupação, mais nada.

CLARINDA (*tristonha*)

Mas ele nunca foi assim. Lá no Estado, quando juiz, não tinha senão livros de direito... Agora, leva atracado com poetas, dicionários, revistas... Não sei! Quem sabe? Eu também fico às vezes a pensar que não estou com juízo. Procuro entender isso, penetrar bem, compreender, mas a coisa me foge. Às vezes, sinto bem um trecho, um verso, uma quadra. A minha alegria é grande; mas quero ir adiante, a coisa me escapa e tudo o que aquelas palavras dizem não entra na minha cabeça. É assim como se eu quisesse (*gesto*) apanhar a luz, o ar, o perfume das flores com as mãos... Eu não sei... O doutor não me poderia dizer, como é, hein, doutor?

FILGUEIRAS (*compassivo*)

A senhora é muito moça, tem visto pouco a vida. O tempo dar-lhe-á essa penetração que deseja, e então verá a beleza toda inteira, que lhe escapa agora.

CLARINDA

Eu lhe digo francamente: eu não acredito que meu pai entenda também. Ele às vezes dorme sobre os versos que está lendo... Quando se amam as coisas — não é doutor...? — Só podemos ter prazer com elas... Ainda há pouco o doutor olhou o céu e disse que ele estava tão fino que parecia querer revelar o seu mistério, não foi?

FILGUEIRAS (*enternecido*)

Foi.

CLARINDA (*poética*)

Pois bem. Eu não queria dizer essas coisas como o doutor, mas queria olhar as árvores, o mar, o céu e as estrelas, e ver mais do que árvores, mar, céu, estrelas, como os senhores. Então, talvez, eu entendesse...

(Os dois calam-se. A moça fica a olhar o ocaso sanguíneo, pela janela do fundo; e o poeta a olhá-la cheio de espanto).

CENA IX

Os mesmos e D. Mariana.

D. MARIANA (*entrando*)

Estão jogando o sério?

CLARINDA (*senhora de si*)

Então, mamãe, não se janta? O doutor Filgueiras deve ter fome.

FILGUEIRAS

Não, ainda é cedo. Janto sempre tarde, com luzes... É mais agradável.

D. MARIANA

O doutor há de ter paciência. Esperamos o Inácio, o meu filho.
(*Outro tom*) Clarinda, onde estão as chaves do armário?

CLARINDA

Lá em cima do guarda-comidas.

D. MARIANA

Vá mostrar ao Luís, que não há meio de achá-las.

(*Clarinda sai*)

CENA X

Filgueiras, D. Mariana e mais tarde Clarimundo.

D. MARIANA

O Clarimundo manda pedir-lhe desculpas se tem demorado um pouco. Eu também lhe peço desculpas se...

FILGUEIRAS (*delicado*)

Não há motivos para isto... Eu sei bem o que são essas coisas e...

D. MARIANA

Que o doutor faça versos apaixonados, vá. É moço, é solteiro, mas um carcaça como meu marido, um lambisgoia, é indecente...

FILGUEIRAS

Isso não quer dizer nada. Muitos poetas...

D. MARIANA (*interrompendo e faceira*)

O doutor ainda não teve ocasião de dizer algumas das suas poesias.

FILGUEIRAS (*sorrindo, orgulhoso*)

Logo mais tarde, não acha?

D. MARIANA (*sedutora*)

O doutor deve ter belos versos... Tão moço! tão belo! Diga um pequeno, o último... gosto tanto... (*Chega-se para ele*) Vamos, doutor!

FILGUEIRAS (*esgueirando-se*)

Não são próprios... A senhora sabe, versos de poeta moço...

D. MARIANA

Sou casada, que tem?

FILGUEIRAS

Se a senhora permite...

D. MARIANA (*chegando a cadeira*)

Como se chama, doutor?

FILGUEIRAS (*afastando um pouco a cadeira*)

“Quero beijar-te.”

D. MARIANA (*aproximando mais a sua*)

Deve ser lindo. Que título feliz!

FILGUEIRAS (*atarantado*)

Por que não deixamos isso para mais tarde?

D. MARIANA (*sedutora*)

Oh! doutor! Eu teria tanto prazer... Diga, doutor!

FILGUEIRAS (*tosse e começa*)

“Quero beijar a tua boca ardente...”

D. MARIANA (*cheia de si*)

Como é doce de ouvir... Oh!

FILGUEIRAS (*continuando*)

“Quero beijar o teu sedoso colo.”

D. MARIANA (*envaidecida, chega-se mais e toma as mãos do poeta*)
Como seria bom, meu Deus!

CLARIMUNDO (*entrando e parando na porta*)
Então, Mariana, você já gosta de poesia? Eu não dizia... Isto é casa de poetas.

Cai o pano.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com